




Kelly, filha única, gosta de ouvir a opinião dos pais, Maria Neusa e Carlos

A nova dinâmica

Que a família mudou, todo mundo sabe. Faltava descobrir os detalhes. O discurso corrente é que os pais não têm tempo para os pequenos, que as mulheres ainda sofrem com a jornada carreira-casa e que as crianças andam desprovidas de valores e modelos. Realizada pela Research International Brasil

e divulgada no final do ano passado pela Viacom Networks Brasil, distribuidora dos canais Nickelodeon, Vh1 e MTV Hits, a pesquisa A Nova Dinâmica Familiar mostra que homens e mulheres estão revendo os papéis em busca de simetria nas tarefas da casa e de maior proximidade com os filhos. Como saldo, 87% dos pais



Quem vai protagonizar a nova revolução doméstica, qual é o grande anseio dos filhos e a importante pergunta: afinal, o que é autoridade? Uma pesquisa abrangente lança novas luzes sobre o que está mudando no perfil das famílias e especialistas mostram como essas informações podem virar ouro na hora de educar nossos filhos

Suzana Lakatos

das famílias

e 84% das crianças declaram-se felizes com a vida familiar. Participaram do levantamento 400 pais e mães de São Paulo e do Rio de Janeiro, sendo 68% com idade entre 30 e 44 anos, e 200 crianças de 4 a 14 anos – todos de classes A e B. Embora tenha predominado a estrutura familiar tradicional (casais casados

e com filhos da união atual), o estudo incluiu pais e mães solteiros e separados, além de casais com filhos de relações anteriores. “As mudanças identificadas apontam tendências”, afirma a publicitária e socióloga Beatriz Mello, gerente de pesquisas da Viacom. E conhecê-las facilita nossas escolhas diárias.

Novos arranjos em casa

A pesquisa identificou e nomeou três tipos de família:

Mãe malabarista (59%) Mulher e homem trabalham fora e valorizam a carreira. Organizar a rotina doméstica cabe à mãe, que terceiriza algumas funções. O pai, distante, pouco se envolve no cotidiano.

Pais brothers (22%) Aqui, a carreira não é tudo e há grande empenho em participar da vida dos filhos. Mas os pais se consideram amigos das crianças e não conseguem dosar autoridade e proximidade.

Pai atuante (19%) Ambos trabalham fora e dividem o cuidado com os filhos e as tarefas domésticas. Buscam se aproximar das crianças, mas mantêm a autoridade.

Para Beatriz, o pai atuante promete protagonizar a próxima revolução doméstica. “A saída da mulher para o mercado já se consolidou, mas a preocupação masculina de estar acessível aos filhos e não sobrecarregar a companheira é nova”, revela a socióloga.

Os Feltrin, de São Paulo, são um exemplo. A mãe, Maria Neusa, 45 anos, encarrega-se da casa e está retomando agora a carreira e o estudo de pedagogia, interrompidos para cuidar da única filha do casal, Kelly, hoje com 14 anos. O pai, Carlos, 46 anos, é engenheiro projetista e só ajuda em casa quando é solicitado, mas acompanha de perto a educação da filha. “À noite, nosso programa é conversar. A Kelly sempre pede nossa opinião e adoramos esse contato”, diz Neusa.

A psicóloga Lidia Aratangy, de São Paulo, que participou da interpretação da pesquisa, também destaca a aproximação paterna como a grande novidade: “É uma mudança benéfica, que enriquece a vida da criança com jeitos diferentes de expressar afeto e cuidado”. Ela pondera, no entanto, que a multiplicação desse pai atuante não depende apenas dos casais. “Há toda uma rede social que precisa se adaptar”, afirma a antropóloga Ana L.P. Schritzmeyer, professora da Universidade de São Paulo. Explica-se: hoje, apesar de mal visto, tolera-se o atraso de uma mulher no trabalho para levar o filho ao pediatra, mas nem se cogita que um homem faça o mesmo. Sem falar em preconceitos de amigos e parentes e na resistência das próprias mulheres em abrir mão do controle da casa. Essas evoluções levam décadas para se consolidar, como atesta o psi-

cólogo Hélio Deliberador, coordenador do curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nesse meio tempo, lembra ele, muitas configurações familiares seguem convivendo. Uma delas é a família em que pais e mães são ausentes e as crianças ficam totalmente a cargo de empregados e especialistas. Os pais brothers não fazem melhor agindo como se o filho não pudesse jamais ser frustrado. PARA MELHORAR O CLIMA É preciso abrir espaço para o homem participar das tarefas da casa e dos cuidados cotidianos com o filho sem criticar quando ele faz as coisas do jeito dele. Terceirizar alguns cuidados pode ser inevitável, mas procure reservar tempo para ficar com o filho e cultivar certos rituais, como o de compartilhar pelo menos uma das refeições diárias em família.



O que os filhos esperam

Da mãe, os filhos querem afeto e retaguarda para as tarefas do dia-a-dia. Já o pai é visto como aquele que abre as portas do mundo e com quem podem se divertir e aprender a ser gente grande. Dos dois, esperam receber também educação, e 53% dizem se inspirar na experiência de vida deles. “A importância atribuída à experiência dos pais mostra que os filhos aprendem principalmente pelo exemplo. O desafio é entender como esses valores se traduzem no cotidiano para não cair em contradição”, afirma Lidia. Uma incoerência típica é falar de respeito pelos outros e disciplina, mas dirigir pelo acostamento quando a estrada está cheia. Pode acreditar: suas atitudes serão lições mais fortemente

Fotos: Marta Santos/Coordenação Sylvia Radovan/Cabolo e maquiagem Sandro Borges

aprendidas do que qualquer discurso bem-intencionado. É o que pensam o administrador financeiro André Biajo, 35 anos, e a bancária Lucélia Moreti, 34 anos, de São Paulo, pais de Ana Luísa, 4, e de Vinícius, 2. “Fazemos questão de resolver tudo em conjunto e de não discutir perto das crianças”, conta o casal. **PARA MELHORAR O CLIMA Adotar posturas compatíveis com os valores que deseja transmitir é a melhor forma de ensinar ética aos filhos e evitar incoerências.**

Longe do porto seguro

Enquanto os pais estão fora de casa, com quem ficam as crianças? A resposta encontrada na pesquisa trouxe algumas surpresas: 29% são cuidados por familiares, como avós e tias; 22% permanecem na escola; e 13% ficam sozinhos. Babás e empregadas apareceram em apenas 5% dos casos e arranjos menos comuns responderam pela diferença. Longe dos pais, os pequenos primeiro ficam felizes com a liberdade, mas logo se sentem meio entediados e, finalmente, ansiosos e vulneráveis.

A visão dos especialistas sobre esse fenômeno se divide. A psicóloga Magdalena Ramos, de São Paulo, por exemplo, acredita que na maioria das vezes a criança é “depositada” na casa dos parentes, mas não está devidamente inserida na dinâmica daquela família. “Por isso se sente tão isolada”, pondera. É o oposto do que pensa Lidia, coautora do *LIVRO DOS AVÓS - NA CASA DOS AVÓS É SEMPRE DOMINGO* (ED. ARTEMEIOS). Para ela, mesmo com baixa interação, os parentes costumam suprir a criança de afeto direto e oferecem espaços mais flexíveis do que o ambiente escolar. **PARA MELHORAR O CLIMA Ajudar o filho a planejar o dia é necessário. Sugira atividades, incentive-o a desenvolver pequenos projetos, como fazer uma história em quadrinhos, e estimule o convívio com os colegas.**

O desafio da autoridade

O dado é alarmante: 63% dos pais acreditam que perderam a autoridade e que já não existe hierarquia entre eles e os filhos. Desrespeito e notas baixas são as principais causas de desavenças, e a punição aplicada por 40% dos entrevistados é a privação de algo de que a criança goste, como ir à casa dos amigos ou usar o computador. “Em casa, quando eles aprontam demais, o castigo é ficar sem videogame”, contam Mônica dos Santos, 40 anos, gerente de planejamento financeiro, e Claudinei Moreira, 41 anos, arquiteto, de São Paulo, pais do adolescente Vinícius, 13, e de Maria Carolina, 10.

“Essa percepção de perda de autoridade por parte dos pais não é compartilhada pelos filhos”, afirma Beatriz. A diferença pode estar no que cada um entende por autoridade. Os pais ainda associam autoridade ao modelo que tiveram na infância, de rigidez, distanciamento e obediência. E as crianças a reconhecem como resultado de experiência de vida. Por isso, esperam dos pais definições claras de como devem agir e do que é ou não apropriado para a idade delas. Para Lidia Aratanga, essa mudança é uma evolução. “A obediência pura e simples de antigamente cria pessoas submissas, mas não necessariamente éticas”, diz. Para a antropóloga Ana, não existe mais espaço para o autoritarismo nos dias de hoje. “Há uma nova configuração social, que favorece o diálogo, a negociação. Ca-



Se Maria Carolina e Vinícius aprontam, ficam sem videogame, dizem Mônica e Claudinei

da vez mais, tem autoridade quem prova seu valor e oferece os melhores argumentos”, analisa ela.

Reconhecer o direito de questionamento do filho, porém, não significa ceder à manha. “Dispor de informação sobre um assunto não dá à criança competência para lidar com ele. Falta a ela vivência para poder medir as consequências dos seus atos”, afirma Lidia. **PARA MELHORAR O CLIMA Restrinja as proibições ao que é importante. Assim, quando ouvir um não, seu filho saberá que é para valer. Ele não vai amá-la menos porque não foi atendido. Se achar o argumento de seu filho válido, mude sua opinião.** Colaborou Paula Reis

O que pais e filhos mais gostam de fazer quando estão juntos? Leia em: www.claudia.com.br